

CRÓNICA

MARTA CAIRES

Nas pernas de um homem

A TELEVISÃO DA REDACÇÃO passa as mais recentes imagens do 'Tour' e de repente, num daqueles momentos em que sentimos que começamos a envelhecer, dou por mim a pensar no que já foi a 'Volta a França', no que significaram estas três semanas de etapas em linha, metas volantes, contra-relógio e etapas de montanha. Portugal era outro, à deriva num tempo novo, sem grandes glórias desportivas onde pudesse descansar o peso dos dias. E tinha, todos os anos, um intervalo, um instante para dar largas à esperança, para centrar-se nas pernas do Joaquim Agostinho. E o ciclista, a quem nem sempre as coisas corriam bem, encarnava o espírito da época, porque a nós também a vida corria por caminhos tortos.

As reportagens sobre um homem moreno e triste fechavam o telejornal e enchiam as páginas dos jornais, quase sempre com destaque na capa. Na 'Bola' - que tinha um jornalista credenciado para acompanhar a prova, quase sempre o Carlos Miranda - as crónicas descreviam uma França desenvolvida, elegante, fora do nosso alcance. De nosso, naquelas semanas, apenas o Joaquim Agostinho. A sua história, a sua amabilidade, a dedicação e o sacrifício eram contados e repetidos todos os anos como se fosse possível esquecer. Cada um de nós - os novos, mas sobretudo os homens da geração do meu pai - compreendia bem a vida do rapaz de Torres Vedras que começou a praticar a modalidade depois dos 20 anos.

Ao português faltava em técnica o que sobrava em coração e essa particularidade valeu dois terceiros lugares no 'Tour', um segundo na 'Volta a Espanha' e vários primeiros na 'Volta a Por-

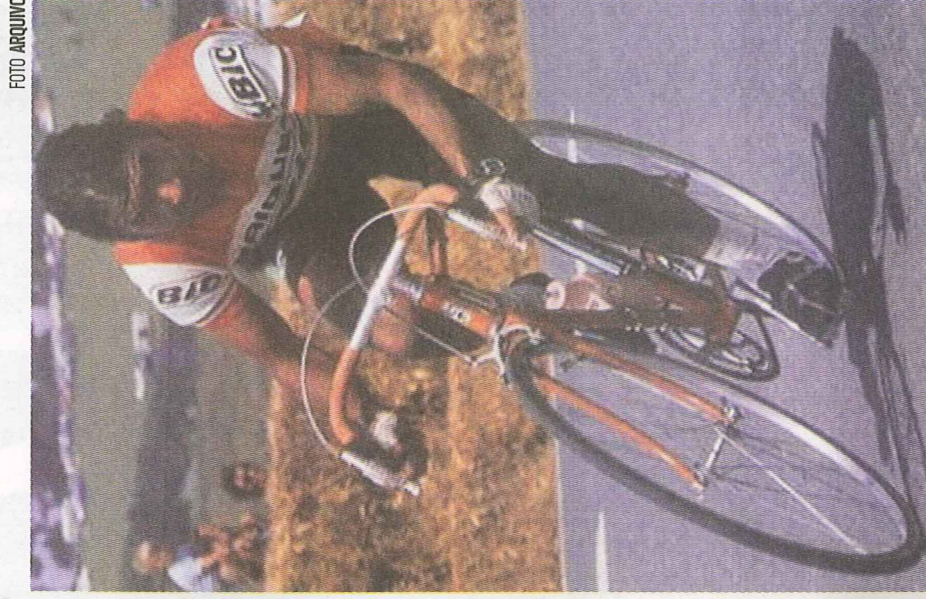


FOTO ARQUIVO

nabéu de pé, ao rubro, que teve antes o Figo, duas seleções campeãs do Mundo de futebol de juniores, várias medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos. É que lá trás, nos anos 70 e 80, os sucessos desportivos rareavam.

Tínhamos o ciclismo, a selecção de hóquei, o Carlos Lopes, o Fernando Mamede e uma rapariga franzina - a Rosa Mota - que começava a dar ares do seu talento em algumas provas internacionais de atletismo. As glórias do Benfica e do futebol pareciam enterradas para sempre nos anos 60, presas à terrível maldição de Bella Guttman. Mas o povo, que enfrentava o desemprego e os salários em atraso, continuava a precisar de heróis e agarrava-se ao que existia, às pernas de um ciclista.

E foi este mesmo Portugal, cansado e triste, que viu o herói partir de forma absurda. Aos 41 anos, já veterano e ainda a correr na 'Volta ao Algarve', Joaquim Agostinho atropelou um cão, caiu, bateu com a cabeça no chão, mas levantou-se e acabou a etapa. A queda acabaria por ser fatal e, a meio de uma polémica sobre os cuidados médicos, o ciclista morreu. Passou 10 dias em coma e, até ao fim, o neurologista João Lobo Antunes manteve a posição de que Joaquim Agostinho não recebera o tratamento adequado a tempo de evitar o pior.

A morte, tal como a vida, confundia-se com o ser português, com o caos dos hospitais, com todos os homens tristes, cansados e morenos que, a cada dia, davam tudo como Joaquim Agostinho deu para ganhar a terrível etapa do Alpe d'Huez em 1979.

tugal'. Hoje, a esta distância, parece difícil explicar quem era, o que significava, o que nos dizia e tocava por dentro. E estranho contar esta história de ciclismo e ciclistas a um País que tem o Cristiano Ronaldo e o estádio de Santiago Bar-



TRIM TRIM

ANTÓNIO FONTES

1. "CALHETA ÀS ESCURAS sábado à noite para medir poluição sonora" - DN de 16 Julho de 2009.

Comentário pardacento: hoje, Domingo, os efeitos do apagão são sonoramente visíveis!

Desapareceu a areia da praia artificial, a Casa das Mudanças madrugou a falar sozinha espoliada de quadros, restaurante e sala de espectáculos, o Hotel Calheta Beach acabou finalmente as obras clandestinas e apresenta-se, imponente, com mais cinco andares a arranhar o céu e a longanimidade de Deus!

E desapareceu, para gáudio dos munícipes, a própria Câmara Municipal da Calheta!

Estão todos - Alforreccas, "incluso" - em cativado no planalto do Chão da Lagoa!

2. "CÂMARA MUNICIPAL do Funchal paga a "Tempo e Horas" dívida com 14 anos (...), entre elas, a de um fornecimento de inertes ocorrido em 1995 à empresa "José Avelino Pinto, Construções e Engenharia" - DN de 16 Julho de 2009.

Comentário pontual... escrito há trinta anos: é preço, de facto e de direito, muita engenharia para receber um pagamento, a tempo e horas, de uma dívida com catorze anos de existência! Os tribunais agradecem a empresas e a empresários deste calibre!

Se precisar de inertes para argamassar a sogra ou o marido durante catorze anos - forneça-se na empresa "José Avelino Pinto, Construções e Engenharia, Lda".

A factura espera, candidamente e porventura sem juros, catorze anos!

3. "DETRITOS ORGÂNICOS mancham Lido e Ponta Gorda (...) desconhecendo-se a origem dos poluentes" - DN de 16 de Julho de 2009.

Epistola das Alforreccas aos hoteleiros: "Estimados amigos hoteleiros! Mantenham os níveis de qualidade cinco estrelas do mijo e dos cagalhões despejados secretamente no mar entre o Savoy e a Praia Formosa! Enquanto os Sherlock Holmes da Capitania do Funchal e da Frente MarFunchal andam a investigar as embarcações e as águas residuais das ribeiras em canoas à vela, a malta multiplica-se na merda amavelmente expelida no mar por V.Exas. e diverte-se a electrocutar os suínos dos banhistas!

Cordiais cumprimentos das Alforreccas."